

## CAPÍTULO 14



Fotos: Ana Cristina Carvalho



## Resumo

### Marvão n' "O Conspirador": paisagens e humanos num conto de Branquinho da Fonseca

Espaço de criação humana por excelência, a literatura permite um olhar indagador sobre as relações que se estabelecem entre o narrador, as personagens e o meio físico, mais ou menos ficcionado, onde se desenrola a ação. Muitas vezes, estes cenários da imaginação do escritor estão ligados às suas vivências, tendo algum grau de verosimilhança face à realidade. Assumindo que a literatura de ficção pode ajudar a compreender a paisagem atual e, conseqüentemente, contribuir para a preservação da identidade e diversidade que lhe estão implícitas, analisamos numa perspectiva ecocrítica o conto "O Conspirador", de Branquinho da Fonseca. Refletiremos sobre a coexistência entre os habitantes, o seu ambiente natural e o espaço construído, nos anos 30 do século XX, numa região rural fronteiriça do Alto Alentejo: Marvão e seus arredores. Focar-nos-emos no património local representado no conto, fruto da perceção e apreciação que o escritor constrói, permitindo-nos conhecer a ocupação daquele território, a sua paisagem e os lugares e parte da fauna e da flora locais.

**Palavras-chave:** Ecocrítica. Literatura portuguesa. Património natural. Alto Alentejo.

## Abstract

### The village of Marvão in "O Conspirador": landscapes and humans in a shortstory by Branquinho da Fonseca

A space of human creation *par excellence*, literature allows an inquiring look at the relationships established between the narrator, the characters and the fictionalized physical medium where the action unfolds. Often, these scenarios of the writer's imagination are linked to his life experience and have a certain degree of verisimilitude. Assuming that literary fiction may be able to help us understand nowadays landscapes and, therefore, contribute to their identity and diversity, we present an ecocritical reading of the short story "O Conspirador", by Branquinho da Fonseca. We will reflect on the coexistence between humans, their natural environment and the built space, in the thirties of the twentieth century, in a rural border region located in the Alto Alentejo: Marvão and its surroundings. We will focus on the local heritage represented, a result of the writer's perception and appreciation, allowing us to know about that territory's organization, its landscape and places, its fauna and flora.

**Keywords:** Ecocriticism. Portuguese literature. Natural Heritage. Alto Alentejo.

# MARVÃO N' "O CONSPIRADOR": PAISAGENS E HUMANOS NUM CONTO DE BRANQUINHO DA FONSECA

Maria Mota ALMEIDA

Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Estoril  
Instituto de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa  
maria.almeida@eshte.pt

## 1. Introdução

Uma mera linha de um autor mesmo que mediano  
desperta mais o desejo pelo lugar descrito  
do que fotografias ou mesmo filmes, vídeos ou  
reportagens. Entre nós e o mundo,  
coloquemos prioritariamente as palavras.

Michel Onfray,  
*Teoria da Viagem – Uma Poética da Geografia* (2009,  
p. 25)

Quantas leituras somos convidados a fazer a partir de um texto de ficção? Quase tantas quanto os olhares interrogadores dos leitores. A literatura, mediante o seu pendor simbólico, revela visões do mundo a nível social e de costumes – ambiental, religioso, mitológico, histórico, geográfico, político, ético, artístico – em épocas determinadas. A criação literária torna-se o espelho, a tradução por vezes efabulada, ampliada, caricaturada da realidade.

Literatura e natureza, esta frequentemente idealizada, enlaçam-se na caneta do escritor compondo cenários ora bucólicos e complacentes, ora agrestes e repulsivos, ora paradisíacos e inatingíveis. Partindo do pressuposto de que o ambiente natural, como também o construído, acompanhou e inspirou os criadores literários, propõe-se analisar a sua representação no conto “O Conspirador”, não como idealização, deslumbramento ou aversão, mas enquanto fundamental para a existência humana das personagens ficcionais. Trata-se do olhar da Ecocrítica (Rueckert, 1978), uma abordagem das representações da natureza na literatura, o estudo do cruzamento

---

*ALENTEJO(S) – Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*, Lisboa, Edições Colibri, 2021, pp. 259-276.

entre as áreas da literatura e do ambiente – entendido este na sua diversidade biológica, ecológica e espacial. Área de trabalho interdisciplinar, a ecocrítica valoriza as interações entre o ser humano e o seu meio envolvente, abrindo possibilidades de leitura dinâmicas e contribuindo para uma “visão plural e multifacetada do mundo.” (Calvino, 1990, p. 134). E ao traduzir “a importância do lugar e do contexto de produção e recepção” (Marques, 2012, s/p.), permite apreender as influências do ambiente sobre o escritor; valorizar a interação humana com os outros seres vivos; clarificar contextos e desocultar os ‘silêncios’ a que os ‘cenários’ – mundo não humano onde decorre a ação humana – são frequentemente remetidos; e, indiretamente, reforçar a relação entre todos os seres que coexistem em natureza.

Tendo esta perspetiva como guia, pretende-se explorar o potencial informativo daquele texto de Branquinho da Fonseca, descodificando as relações ser humano/ ambiente/património construído nele representadas. O autor, que podemos situar no segundo modernismo literário, não teria como principal preocupação a ecologia; contudo esta sua obra, onde o ambiente não é apenas o lugar onde decorre a ação, mas um palco da complexa trama de relações que os seres humanos estabelecem entre si e com a natureza, proporciona algumas reflexões ambientais. O escritor revela uma imensa capacidade de observação, numa escrita onde o detalhe e rigor descritivo permitem conhecer um pedaço da história de Marvão nos anos 30 do século XX. A análise do conto far-se-á a partir de três questões principais: 1) Como são caracterizados os habitantes de Marvão? 2) Que imagem da natureza nos é veiculada? e 3) Qual a relação que os habitantes estabelecem com a natureza, naquele habitat urbanizado mas com uma envolvimento rural?

## 2. O autor e o contexto de estudo

Os lugares literários são uma fusão  
entre o mundo real no qual os escritores vivem  
e o mundo ilusório descrito nas histórias.

David Herbert,  
*Literary Places, Tourism and the Heritage Experience*  
(2001, p. 315)

Branquinho da Fonseca nasceu em 1905, em plena agonia do regime monárquico, num povoado rural e serrano da Beira Alta, no lugar das Ladeiras, concelho de Mortágua –, local de ancoragem onde regressa com frequência

em busca de energia revigorante. A sua escrita seria muito moldada pela infância campesina, pela relação estreita com a natureza e as paisagens das serras envolventes: Caramulo e Buçaco. Com efeito, “desde o primeiro livro, Branquinho revisita as paisagens rurais, físicas e humanas, e regressa ao espaço-berço”, diz Ferreira (2004, p. 36).

O autor estudou em Coimbra, onde se licenciou em Direito. Esta cidade ficará sempre ligada à formação, em 1927 – em plena Ditadura Militar –, da revista *presença, folha de arte e crítica*, a cuja direção pertencerá entre 1927 e 1930, juntamente com José Régio e João Gaspar Simões. Influenciados pela revista *Orpheu*, os seus mentores defenderam a total liberdade de criação, assim como um individualismo subjetivo, secundarizando qualquer intervenção social e política. A publicação coimbrã foi a principal responsável por divulgar e dar continuidade às ideias modernistas a nível nacional e internacional.

A vida profissional como Conservador do Registo Civil e Predial obriga Branquinho da Fonseca a viver, já em pleno Estado Novo, em Marvão e na Nazaré, fixando residência na terra natal de sua mulher, Cascais, apenas nos finais dos anos 30 do século passado. A aprovação no concurso para Conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, nesta vila, permite-lhe dar continuidade ao seu sonho: “Sempre vivi entre livros: lendo ou escrevendo. Justo parece que dedique agora a vida a fazer ler os outros...” (*Diário Popular*, 26-6-1969). É precisamente em Cascais que, em 1953, inicia a experiência das bibliotecas móveis: a 26 de Julho desse ano, já circulava aos domingos, pelas povoações mais longínquas do concelho, uma das primeiras bibliotecas rolantes do país.

A experiência de Cascais e os artigos que publicava em periódicos, sobre o que entendia dever ser uma biblioteca, não passaram despercebidos a Azeredo Perdigão, que em 1957 convida Branquinho da Fonseca a criar as Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian. O ano de 1958 será relevante na sua biografia, pois, em maio, quinze carrinhas Citroën HY começam a conquistar o país. Em 1960 eram já vinte e nove, atingindo o número máximo, sessenta e duas, em 1971, em articulação com muitos municípios. As icónicas furgonetas chegavam, em 1963, às Ilhas Atlânticas portuguesas. Foi o projeto de vida, ao qual se dedicou de corpo e alma até à morte, no imediato pós-25 de abril, em maio de 1974.

Regressemos à escrita. A geografia literária de Branquinho da Fonseca cruza-se em parte com a sua geografia biográfica (Fig. 1). Mortágua e Laceduras inspiraram textos onde abundam personagens, locais e episódios que vivenciou e experienciou. Nazaré e Marvão são fonte de inspiração, com a escrita a acompanhar o espaço e o espaço a influenciar a

escrita. Outras localidades, onde não habitou mas que bem conheceu, são igualmente objeto da sua escrita: Cabeceiras de Basto, Lisboa e Vale do Tejo e as ilhas açorianas.

Fig. 1 – A Geografia da vida e da obra de Branquinho da Fonseca

Fonte: M. M. Almeida & L. Branquinho (2014)



É precisamente Marvão dos anos 30 que contextualizará “O Conspirador”, inserido na coletânea *Caminhos Magnéticos*, publicada em 1938. O conto, que ocupa trinta e três páginas e é dividido em dezassete segmentos, não se enquadra na chamada literatura de viagens, conquanto permita viajar, mediante a experiência vivida e o contacto do escritor com aquele local do Alto Alentejo. O ambiente transmitido recupera e (re)constrói uma memória do espaço e do tempo, possibilitando uma reconstrução do passado, dos hábitos, história(s), testemunhos e quotidiano do lugar, permitindo caracterizar a identidade cultural de Marvão e das suas gentes, registando os patrimónios construído, ambiental e imaterial. Porque o conto descreve, de forma detalhada, o território marvanense.

O espaço da narrativa está muito próximo do real, como atestou um habitante numa carta a Branquinho da Fonseca: “[...] impressionou-me agradavelmente encontrar Marvão a percorrer o país dentro d’um livro de belos contos.” (Palha, 1938, p. 1). No plano dos factos e dos personagens que povoam a obra, alia-se a ficção à realidade. Muitos existiram, como se depreende pelo texto da carta: “[...] O João Semana n.º 2 é que está mascarado em demasia e o meu amigo pôs-lhe virtudes que ele infelizmente não possui... O Jana, o cauteleiro, o Luiz Pinto, são retratos felizes e perfeitos; têm as cores devidas e uma visão flagrante da realidade” (idem, pp. 2 e 3). “Mas com que agrado os olhos se alargam pela paisagem”, opina outra testemunha natural da região, “tão bem descrita, que se descortina do alto

de Marvão, ninho de milhafres que só as águias passam na altura dos seus voos! A pintura do artista tem garra, personalidade – a mim, que conheço Marvão, encheram-me, os outros, que não o conhecem, devem tê-lo antevisto naquelas belas páginas.” (N. J., 1938)

O quotidiano, em que pululam contrabandistas motivados por enormes carências económicas, é também marcado pelas procissões da Semana Santa, que subsistem até hoje, e que na época tinham uma enorme relevância social: “E o livro, nesta época do ano, [abril] aqui em Marvão, tem ainda outra circunstância a prender a nossa atenção: as procissões de noite e de dia; ainda há pouco foi a última, tal como lá vem magistralmente pintada.” (Palha, 1938, p. 3). Um mero contacto de visitante com Marvão, nos dias de hoje, permite observar que o território literário que serve de cenário à ação de “O Conspirador” apresenta semelhanças com o real a nível urbano, dos espaços circundados pelas muralhas do castelo, bem como do panorama que delas se avista, possibilitando ao leitor uma imediata identificação territorial. O escritor e poeta Ribeiro Couto (1938) não podia ser mais expressivo nas considerações que tece, após a leitura do conto: “Toda a riqueza do poeta [...] aqui está neste bloco de poderosa realidade: o idílio de Marvão, a vida do lugarejo remoto, as travessias da fronteira, as cenas de Espanha, o exílio final. E que técnica! Que maestria! Que segurança!”

O protagonista de “O Conspirador”, Paulo Mascarenhas de Albuquerque, jornalista, conspirador revolucionário, para quem Lisboa significa detenção e o campo permite a clarividência para traçar o futuro, viaja de noite e vai refugiar-se, em Marvão, na casa dos avós do seu amigo Eduardo. Ao refúgio corresponde a “paz da vilória morta, onde não chegavam bulícios do mundo, onde não havia jornais nem notícias de nada” (p. 489), mas, igualmente, a solidão do longo isolamento. Esta solidão leva-o a uma reflexão profunda sobre os passos a seguir, começando ele “a olhar a vida e as ideias sob uma luz nova.” (p. 490). A presença e, mais tarde, a companhia e as conversas com Maria Ricarda, “alta e elegante, bonita, de grandes olhos luminosos” (p. 487), ajudam a quebrar o isolamento, pois “o excesso de solidão escangalha-me os nervos”. (p. 493)

Vejamos uma descrição mais objetiva dos aspetos naturais e culturais da paisagem representados no texto, a par da experiência subjetiva do escritor na trama ficcional criada, inserida no contexto temporal mencionado.

### 3. A paisagem humana

O recorte físico e humano do velho burgo de Marvão marcou profundamente Branquinho da Fonseca, como se pode ver pelas páginas que lhe dedica no conto “O Conspirador”.

F. Martinho, “Paisagem e Fuga” (2007, p. 9)

[...] tenho de fugir desta terra, onde só vejo,  
pelas ruas, loucos e cães vadios...

Branquinho da Fonseca, “O Conspirador”  
([1938] 2010, p. 492)

Analisemos “o recorte físico e humano do velho burgo” (Martinho, 2007, p. 9), evidenciando sobretudo a relação que Paulo e o narrador estabelecem com o território, “um monte de casas sobre um penhasco de pedra negra” (p. 477) que serviu de abrigo ao protagonista na fuga inusitada da capital. É a evasão de Paulo e a necessidade de procurar refúgio no quase ‘fim do mundo’ que descortina aos olhos do leitor a vida de Marvão na década de 1930. A descrição poderosa e minuciosa das paisagens, com a sua fauna e a sua flora, assim como do património edificado, aparece associada à descrição dos habitantes-tipo e seus modos de vida, criando uma imagem quase cinematográfica dos quotidianos desta região raiana.

A Marvão de Branquinho da Fonseca, composta por “ruas inteiras onde não morava ninguém” (p. 482), é habitada maioritariamente pela “arraia-miúda” (p. 484), pobre e envelhecida, que só sai “para ir a casa dum vizinho fazer ou dizer qualquer coisa e regressa[m] logo aos buracos.” (p. 483). Neste grande grupo inserem-se: os três loucos – Jana, Luís Pinto e Manuel Maluco –, considerados pelo autor como os “exemplares de aparência mais estranha” (p. 485); as mulheres, que praticamente não saem de casa ou apenas o fazem para se reunirem ao sol, a costurar e a “falar da vida dos outros” (p. 484); e os homens, que “metem-se nas tabernas a jogar o finto.” (p. 484). Há ainda os pedintes, que “andam dias e dias por fora, a correr as aldeias” (p. 483), regressando sempre para ocupar as casas abandonadas. Deste anonimato informe sobressaem os contrabandistas, “duma resistência de lobos e duma manha de raposas.” (p. 480). A senhora Luísa, “a ser-

ventuária, arrastando as alparcatas” (p. 479), guardiã da casa, das memórias familiares e da vila, com a qual Paulo vai conviver durante a sua estada, é considerada por Eduardo:

de pura raça de contrabandistas. Se for preciso ainda vai a Valência a pé, levando para lá meia dúzia de galinhas e trazendo para cá uma saca de medianas [...]. A família desta velha é toda de contrabandistas, os mais finos e matreiros desta fronteira. Ninguém os apanha. [...] Têm um faro que vai longe [...] (p. 480)

Não obstante a enorme astúcia destes homens, Paulo tem de esperar que um deles, o eleito, o Bugalhão, saia da prisão para com ele preparar a fuga, em caso de necessidade. Maugrado, será, antes do que previa, obrigado a fugir para Espanha, devido à perseguição policial, com ordens do governo militar para prender os responsáveis pela “miserável rebelião dum bando de criminosos da mais baixa espécie.” (p. 476). Paulo aproveita as ancestrais estratégias de fuga para ‘dar o salto’, com a ajuda do Falcoeiro, homem experiente que “conhecia a região como os cantos da própria casinhota onde vivia [...] com seu passo leve, calçado de alparcatas de borracha, era uma sombra que lhe fugia na frente” (p. 497). Para além de fundamental na fuga para Espanha, este personagem é-o também nas idas e vindas de Paulo a Marvão, na mais absoluta segurança, ver a sua “doce apaixonada” (p. 501), Maria Ricarda. Envergando “calça de pana preta, jaleca esticada, alparcatas de sola de borracha e boina espanhola” (p. 499), o Falcoeiro andava desde os sete anos “neste vaivém de passa-fronteira, carregado de café e de galinhas, na ida para Espanha, ajoujado de alpargatas e sedas, na volta” (p. 501), vivendo num mundo à parte sempre discreto, longe dos olhares da sociedade. Com efeito, “só se sabe de um contrabandista quando está na cadeia” (p. 486). Nesta escrita ficcionada impregnada do real, os contrabandistas são os únicos diligentes e labutadores ocupando um lugar de destaque, permitindo-nos fruir da viagem arriscada que, por carência económica, incessantemente fazem.

No conto, o grupo social mais privilegiado é diminuto, não passando de “cinco ou seis” (p. 484), que se reúnem na Sociedade Filantrópica e Recreativa a jogar o burro. “O resto é gente como a das outras partes do mundo” (p. 485): o médico que trata da saúde física, “protector dos pobres, incansável e desinteressado como um apóstolo” (p. 485); os padres que tratam da saúde espiritual; os seis soldados da Guarda Republicana que “jogam a malha e sentam-se a dormir” (p. 485); os forasteiros; e, paradigmática e ironicamente ilustrados, os funcionários públicos. Com um dia a dia previsível,

“passam às onze horas para a repartição, indo atrás deles a criada com a braseira acesa, se é no Inverno, e regressam às cinco, indo atrás deles a criada com a braseira apagada” (p. 485), cumprindo maquinalmente o seu horário.

É na descrição da procissão da Semana Santa, que também encontramos na cena da Tuna do romance *O Barão* (1952), “do melhor que a literatura moderna portuguesa, enquanto literatura de imaginação, tem para nos oferecer” (Martinho, 2007, p. 18), que pela primeira vez assistimos ao bulício na vila: “Vai toda a gente da vila e muita, que veio das aldeias. Mesmo os ateus. É uma festa como qualquer outra.” A procissão, dessacralizada, “é uma festa sombria e desgostosa, sem qualquer tipo de elevação humana.” (Ferreira, 2004, p. 340). Nesta cena, Branquinho da Fonseca exercita com grande vigor quer a dimensão acústica, a “paisagem sonora”, dominada por sons preponderantemente disfóricos” (*op. cit.*, p. 338), quer o sarcasmo, a crítica certeira. Escutemos os sons: “O rrrráá, rrrráá áspero duma matraca” (p. 493); “No fim vem a música com passo balançado, arrastando uma marcha fúnebre e desafinada” (p. 495).

Atentemos na truculência da crítica: “A outra [igreja] para onde vai enche-se, até à porta, de multidão atenta a um famoso pregador que, debruçado no púlpito, começa o sermão patético: “– Ó miseráveis! Ó desgraçados! Ó miseráveis!, que fostes vós que o matastes!!!... / Está rubro, congestionado, com a língua presa.” (p. 495). E o povo, se bem que solenemente vestido de luto, aproveita um dos raros festejos, além da “tourada em Santo António” (p. 489), para entrar nas tabernas, esvaziando os pipos: “Porém, começa a notar-se que o predominante é um hálito de vinho: está quase toda a gente bêbada, a cair, aos molhos, encostados uns aos outros ou contra as paredes. Ouve-se lá fora um arranque de vômito.” (p. 495). Esta descrição, ao apelar aos sentidos da visão, olfato, tato e audição, remete, de forma quase grotesca e animalesca, para o declínio desta sociedade eremítica, patética, que padece de um isolamento ancestral. Na realidade “a muralha protege a povoação em toda a volta, para não deixar sair nem entrar nada. Não deixar entrar a civilização nem sair o ar estranho e primitivo do velho burgo.” (p. 482)

Deste modo, o conto apresenta de forma consciente e multifacetada a condição do ser humano, da sociedade marvanense e do(s) espaço(s) que ela ocupa e onde se move, marcada pelos que de tempos a tempos vão ‘passar uns dias’ à casa de família, ou, caso do protagonista, por quem escolhe o lugar para se refugiar da polícia. Branquinho da Fonseca caracteriza, mediante retratos maioritariamente fugazes mas assertivos, por vezes com uma ironia fina, fria, pouco complacente, quase desarmante, a diversidade de tipos humanos locais mas também a condição humana universal.

Simultaneamente, evidencia as particulares condições numa sociedade fronteira por aqueles protagonizadas. E expressa, numa visão nada idílica, costumes, valores, anseios, receios, paradoxos, espelhando, conforme a personagem, o micro e/ou macro mundo que a rodeia e os aspetos tangíveis e intangíveis que ela em si encerra.

#### 4. A relação do ser humano com o ambiente

Sim, isto não terá mais nada, mas é um ponto de vista  
muito bonito e tem boas águas e bons ares.  
São novecentos metros de altitude!...

[...] Paulo vagabundeava pelas ruínas do castelo  
[...] com mira na torre de menagem, donde se  
estende a vista por serras lusitanas e campinas  
de Espanha.

Branquinho da Fonseca,  
"O Conspirador" (pp. 486 e 491)

A vista deslumbrante de Marvão, no topo da Serra do Sapoio, é a faceta mais enaltecida quer pelo narrador quer pelo protagonista, indo este, com frequência, "alargar a vista à paisagem" (p. 491). Eduardo e Paulo "encostavam-se à muralha e olhavam o fundo do abismo ou, ao longe, a paisagem sem fim" (p. 483), organizada num *puzzle* colorido que se pode reconhecer numa só trajetória do olhar: "Lá para baixo contempla-se o mundo em mapa de relevo a belas cores: montes, rios, planícies, aldeias brancas, estradas, florestas [...] Lá em baixo os montes pretos com ribeiros luminosos como fios de vidro. Ao lado: vales verdes, dum verde vivo, fresco. Preto e verde." (p. 482).

Os recortes territoriais e patrimoniais vistos através do olhar e da objetiva deste escritor-habitante originaram um álbum de fotografias, preservadas no Arquivo Histórico Municipal de Cascais (AHMC), que complementa as coordenadas literárias do seu olhar estético (Fig. 2). Olhos deslumbrados curvam-se perante a grandeza e originalidade do ambiente rochoso e altaneiro, miradouro único para fruir os fins de tarde: "O pôr-do-sol transformava a paisagem infinita que ali tinha estendida aos pés. Caía até aos confins do mundo uma paz grandiosa, envolvendo tudo num silêncio religioso. Calaram-se [Eduardo e Paulo] e ficaram a olhar o horizonte desfeito em vermelho e roxo e azul." (p. 486). Numa atmosfera de composição poética, a natureza desdobra-se numa exuberância colorida, numa

paleta cromática diversificada e gradativa, compondo uma sinfonia magistralmente orquestrada. Ao desviar o olhar para o alto, o deslumbramento assume uma visão realista:

Por vezes as nuvens passam rápidas e encostadas aos telhados. Mas de repente abrem-se e vê-se que por cima estão outras com uma luz deslumbrante. É frequente descerem à terra, ficar cá em cima o castelo cheio de sol no céu azul e, em volta, lá por baixo um mar de nuvens, branco, parado. Então, sopra um vento que, rugindo pela muralha acima, as atira com violência para o céu, em jacto contínuo, como vapor duma caldeira. Mesmo nos dias sem bulir de aragem, atira-se um chapéu para fora da muralha ele volta para trás. (p. 482)



Fig. 2 – Panorâmica dos arredores de Marvão, obtida a partir das muralhas do castelo.

Fonte: Branquinho da Fonseca (1935/6 –AHMC)

A própria animização do vento contribui para revelar o clima rigoroso da serra e acentuar a resistência dos habitantes, porquanto, como sente Paulo, “A verdadeira [solidão] é no alto de uma montanha.” (p. 490). O som do relógio da torre e “a repentina noite das serras” (p. 486) faz desviar o olhar. A paisagem infinita torna-se progressivamente mais distante... Está-se de volta à realidade, à melancolia da vila: “Da torre começavam a cair, espaçadas e tristes, as badaladas das Ave-Marias, de som lúgubre e acabado.” (p. 486). Este som “acabado” das badaladas mais não é do que uma metáfora da forma como o escritor retrata a vila, inclusive, os escassos animais aí existentes.

## 5. Os animais, as árvores e o rio

Os burros “que vão sozinhos à fonte beber água” (p. 483), cavalos, mulas, cães, galinhas, coelhos e raposas são, a par da avifauna, os únicos animais referidos n’ “O Conspirador”. Os três primeiros são mencionados apenas

pela sua função utilitária, como meio de transporte; já a descrição dos cães e galinhas acompanha o estado de ruína da vila, ajudando a compor essa paisagem humana. Num local onde “era raro ver-se alguém nas ruas. E quase todas as casas estavam desabitadas” (p. 483) predominam os cães “que são às dezenas, sem dono, esqueléticos, com um olhar triste e amigo. Durante todo o dia correm as ruelas, farejando nos cantos onde se amontoa lixo. Humildes e medrosos, são os raros seres vivos que vagueiam pelas ruas e pelos largos abandonados” (p. 483). No verão, para fugir ao calor, abrigam-se, quando a porta está aberta, na Igreja de Santa Maria. Têm por companhia as galinhas, também elas famintas, “que esgravatam, se espoli-nham onde bate o sol e dão saltos para alcançarem as ervas que crescem nos muros velhos e verdes” (p. 483).

Ao debruçar-se sobre a muralha, Branquinho da Fonseca aproxima o olhar e ganha pormenor, possibilitando um inventário da avifauna que sobrevoa e povoa as escarpas do castelo:

E as águias, vêm-se pelas costas, pairando em volta do despenhadeiro. Águias, corvos negros e luzidios, que têm ninhos nos buracos das pedras, milhafres, andorinhas, pardais, uma infinita fauna alada, vivendo e morrendo nas abas do grande penhasco. Lá em baixo os montes pretos com ribeiros luminosos como fios de vidro. Ao lado: vales verdes, dum verde-vivo, fresco. Preto e verde. (p. 482)

No que respeita às árvores e aos rios, neste conto não se confirma o que diz Ferreira (2004, p. 278): “A floresta e o rio são dois espaços essenciais do mapa da narrativa lírica de Branquinho, porque são lugares constitutivos de uma geografia sentimental que se expande no interior das personagens, provocando um efeito de revelação e reconhecimento tanto das personagens como do autor.” Apesar de “as árvores ocup[ar]em um espaço privilegiado na obra de Branquinho” (p. 253), estão muito pouco presentes em “O Conspirador” e por vezes não surgem identificadas. Quando são mencionadas, ou servem para embelezar o espaço, como no muro alto que rodeava “o jardim misterioso” (p. 478) dos avós do Eduardo, dele se destacando “dois cedros conventuais [...] com a copa larga, dobrada para o chão” (pp. 477-478), ou constituem um elemento que dificulta ou facilita a concretização da fuga ou de incursões amorosas. O labirinto de poderosos castanheiros, admirados pela sua beleza e imponência, “que ali estavam a murmurar ao vento” (p. 496), é referido como mais um obstáculo a transpor por Paulo, “não fosse esbarrar em algum deles” (p. 496) na noite cerrada em que, repentinamente, teve de fugir. Todavia, as árvores assumem

outra função: a de esconderijo. Paulo “escondeu-se no matagal” (p. 496) quando pressentiu a proximidade da Guarda Fiscal, “até que se meteu no meio das árvores e parou, à escuta” (p. 496); ou, quando Eduardo pretende aproximar-se clandestinamente da sua adorada: “alguns dias depois já eu ia de noite esconder-me entre as camélias lá da quinta, para lhe falar” (p. 480). Nas muitas idas e vindas de Paulo e do contrabandista, a densidade da vegetação, longe de ser um abrigo, constitui-se como desafio físico permanente: “a cortina dos salgueiros erguia uma parede na sombra, mas o contrabandista continuava a caminhar como em estrada soalheira.” (p. 497). Afoito, transpunha sem medo o rio.

“O rio lá em baixo, soturno” (p. 502), nunca nomeado mas abundantemente mencionado é, sem dúvida, o Sever. Um dos muitos afluentes do Tejo, viaja de sul para norte, marcando “a fronteira de Espanha” (p. 496) em quase todo o seu percurso. Nesta ficção funciona, tal como outrora na vida real, como um ponto de orientação para os contrabandistas, na noite escura em que “Paulo só ouvia o rolar das águas” e “um murmúrio de águas chamou-os à borda do caminho” (p. 497); e funciona, outrossim, como um obstáculo que diariamente têm de ultrapassar:

Ouviu-se o barulho das águas do rio. Andaram mais uns passos e estavam na margem cortada a pique. [...] Iam procurar, mais ao norte, um sítio onde passar a vau e mesmo assim com água de matar cães. Descalçaram-se, despiram as calças e meteram-se ao enxurro que escavava debaixo dos pés, e logo subiu até aos ombros, uma água negra, duma presença sobrenatural, que pesa aos mais afoitos. (p. 502)

Já soubéramos da coragem destes homens quando, no inverno, sob o frio cortante vindo da Serra de S. Mamede, se “meteram à água, que cortava como gelo e foi subindo até lhes dar pelos ombros. Erguiam a roupa numa das mãos e com a outra aguentavam-se contra a corrente. Até que chegaram à outra margem” (p. 497). Isto é, a Portugal.

## **6. A relação do ser humano com o património edificado**

“Estado ruinoso”, “ruína”, “arruinado” são os termos mais utilizados para descrever o “burgo primitivo cheio de sombras e mistérios” (p. 502), composto pelo “emaranhado do casario branco” (p. 487). O autor examina minuciosamente a estrutura d’“aquele labirinto deserto” (p. 477) com “as ruas muito estreitas e torcidas, calcetadas com pedregulhos irregulares”

(p. 482), um perfeito “labirinto de escadinhas toscas e vielas íngremes.” (p. 482), que a sua objetiva registou na Figura 3. Nas zonas onde existiam blocos ou afloramentos rochosos, a “necessidade aguçou o engenho, fazendo com que estes se convertessem em paredes: “há casas verdadeiramente incrustadas no monte: à frente têm três andares e atrás o telhado toca no chão.” (p. 482)

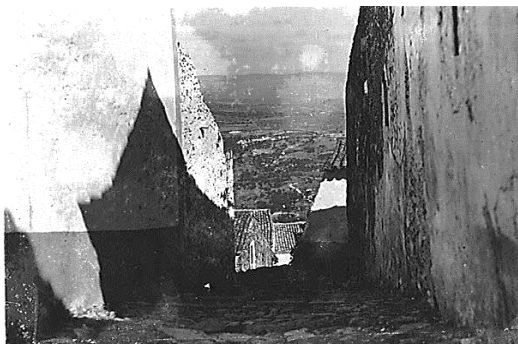


Fig. 3 – Rua de Marvão. Ao fundo, Santo António das Areias. Foto de Branquinho da Fonseca (1935/6 – AHMC)

Acerca da arquitetura e condições de habitabilidade, Branquinho da Fonseca descreve detalhadamente “o casario ingénuo” (p. 482), onde predominam

as habitações, muito caiadas, com buracos que são janelas e com portas medievais em ogiva, roídas dos séculos, [que] estão umas a cavalo nas outras, no alto do monte, a olhar para Espanha. [...] E quase todas as casas estavam desabitadas. Nas janelas [...] o vento que entrava pelos tectos rotos fazia oscilar as negras cortinas de teias de aranha. Tinham um ar misterioso e trágico. Havia ruas inteiras onde não morava ninguém. Noutras, havia duas ou três casas habitadas e, no resto, há cem anos que não entrava gente. (p. 483)

Mesmo a “casa nobre da província” (p. 479) dos avós de Eduardo, guarida de Paulo, era um “casarão soturno” (p. 490) cuja “fechadura rangeu e os gonzos ainda mais quando os fizeram rodar.” (p. 478)

Visto, ao longe, do cimo do castelo, o panorama não era mais animador, porquanto “os telhados da povoação eram uma tapeçaria de cores apagadas, onde as ruas estreitas traçavam linhas negras.” (p. 493). “Paulo vagabundeava pelas ruínas do castelo” (p. 491) e neste espaço, que acompanhava a decadência da povoação, passava os seus dias, “sentando-se sobre qualquer velha pedra caída” (p. 486) e regressando “pela mesma escada

desmoronada” (p. 491), ou, como alternativa: “alongando o passeio, subiu a escada arruinada que trepava a um bastião.” (p. 491). A ruína e decadência do espaço construído acompanham a personagem que aí se refugia, acentuando o ato introspetivo e a solidão doentia que a domina.

No conjunto edificado, destaca-se “o velho palácio [da Guarda Republicana] que tem na frontaria um enorme brasão em pedra branca e fundo de cal azul.” (p. 485). A decadência do património religioso também impressiona o escritor: a Igreja de Santa Maria apresenta um “sobrado de tábuas velhas e soltas” (p. 487); ao descer à “Igreja do Espírito Santo lá encontravam sempre os três velhos sentados num socalco de pedra, ao lado do templo arruinado” (p. 483); “ao fundo, uma igreja de modesto pórtico manuelino, com a torre tosca embutida na fachada.” (p. 478). Até o sino da torre, como mencionado, comungava da decadência e melancolia geral, acentuando-a.

## 7. Considerações finais...

O homem desempenha na modelação da paisagem um papel muito importante; pode ser considerado, neste aspeto, como um autêntico criador de beleza [...] Cada geração tem uma parcela relativamente pequena na construção duma paisagem, podendo, no entanto, ter um papel profundo na distribuição do equilíbrio geral.

G. Ribeiro Telles, *Textos Escolhidos* (2011 [1956])

Na observação ecocrítica de “O Conspirador” partiu-se de um olhar sócio-ambiental, tentando perceber a forma como o seu autor representa a conexão entre o sujeito e o espaço geográfico e a cumplicidade humana, ou a ausência dela, com a natureza vegetal e animal.

A figuração da paisagem, que no conto não é tratada como mero cenário, é construída numa dupla dimensão: uma que poderíamos considerar mais objetiva, quase um inventário, um registo minucioso dos elementos naturais e culturais e de como eles se integram no quotidiano das populações; uma outra mais subjetiva, em que perpassa uma relação mais emotiva e estética com o lugar. Recusando estereótipos e clichés de postal ilustrado, o autor não nos remete para uma visão efabulada e idílica do local, mas, com o olhar arguto de quem vem de fora, retrata-o de forma objetiva, ocasionalmente caricaturada. Esta perceção e capacidade de ler a paisagem de Marvão nos meados dos anos 30 do século passado advém, em nosso entender, do percurso biográfico de Branquinho da Fonseca: a infância ligada

à ruralidade e os ambientes intelectual, familiar e universitário pelos quais passou. A sua capacidade visual para reter detalhes, a forma minuciosa das descrições marvanenses e o carácter funcional e explicativo com que as articula sugerem, igualmente, que a sua motivação para a escrita decorreu da forte estimulação intelectual e estética que encontrou nesses elementos e conjuntos paisagísticos.

A paisagem de Marvão, embora apresentada na obra como uma unidade, compreende subunidades bem definidas: o ambiente urbano de pequena escala, o vasto panorama que se avista das muralhas e do castelo e ainda os caminhos do contrabando. O quotidiano fora das muralhas, simbolizado pelo frenesim da avifauna e pela azáfama, se bem que cautelosa, dos contrabandistas, contrasta totalmente com a vida intramuralhas, doente, famélica, pobre, envergonhada, em suma, decadente. Espaços extra e intramuralhas são descritos como vivendo realidades diametralmente opostas: o colorido da paisagem e as gradações de cores vivas e brilhantes, por oposição à ruína da vila.

Num abuso linguístico, poderíamos dizer que assistimos neste conto à visualização de verdadeiros fotogramas literários, em que o escritor desempenha o papel de cineasta da palavra.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria M. e BRANQUINHO, Luís (Coord.) (2018). *Os Caminhos d'O Conspirador*. E-Book. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- CALVINO, Ítalo (1990). *Seis Propostas para o Próximo Milénio*. Lisboa: Teorema.
- COUTO, Ribeiro (1938). *Carta a Branquinho da Fonseca*. Manuscrito não publicado, AHMC/ABF/001/011/Cx.27 5-5-38.
- FERREIRA, António M. S. (2004). *Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca*. Lisboa: INCM.
- FONSECA, António J. B. da. (2010 [1938]). *O Conspirador in Caminhos Magnéticos*. In A. FERREIRA (ed.), *Obras Completas I*, pp. 471-506. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- HERBERT, David. (2001). *Literary Places, Tourism and the Heritage Experience*. In J. Tribe (ed.), *Annals of Tourism Research*, 28(2), 312-333. Países Baixos: Elsevier.
- MARTINHO, Fernando J. B. (2007). *Paisagem e Fuga*. In A. FERREIRA, J. MARQUES, F. B. MARTINHO & P. PETROV (org.), *Sobre Branquinho da Fonseca*. Faro: Universidade do Algarve.
- N. J. (1938). *Caminhos Magnéticos*. *Gazeta de Coimbra V.* (21 maio).
- ONFRAY, Michel (2009). *Teoria da Viagem – Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal Editores.

- PALHA, José M. (1938). *Carta a Branquinho da Fonseca*. In M. ALMEIDA e L. BRANQUINHO (Coord.). (2018). *Os Caminhos d'O Conspirador*. E-Book, p. 70. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- PALLA, Maria Antónia (1969). «A situação do escritor de língua portuguesa: Branquinho da Fonseca. Muitos querem comprar livros e não podem, outros podem mas não querem», Entrevista a Branquinho da Fonseca, Lisboa: *Diário Popular*, 26-6.
- RIBEIRO TELLES, Gonçalo (2011). *Textos escolhidos*. Lisboa: Argumentum.